

tratar em qualquer agência de turismo e comprar uma excursão. Naquela época se eu quisesse levar o clube a Ouro Preto, tinha que alugar um 'lotação', repúblicas de estudantes etc. Hoje tem a Soletur, a American Tour e uma grande quantidade de agências de turismo ecológico, para os Andes e onde mais você quiser. Naquela época o clube era necessário para fazer até mesmo um piquenique e dava muito trabalho. O CEC então fazia sucesso.

Todos gostavam de fazer perfumaria porque era onde estavam as meninas. O CEC excursionava em grande número, todos andavam juntos. Havia poucos automóveis e isto nos obrigava a alugar transporte coletivo. Meu primeiro carro foi um hilman que comprei com o dinheiro de uma exposição de pintura que fiz na faculdade. O Hudson Machado, que era um bem sucedido desenhista de propaganda tinha um jaguar e as meninas ficavam loucas!

Várias excursões do Carioca foram feitas com estes dois carros. Depois outros sócios compraram automóveis e o clube ampliou seus horizontes geográficos. Este aumento do número de carros levou ao surgimento das excursões paralelas. Cada um ia escalar com quem simpatizava mais e assim este tipo de atividade ganhou espaço. Mais tarde, talvez sentindo a falta de grupo grande, comprei uma Kombi.

Nela fomos aos Três Pontões e depois aos Cinco, no Espírito Santo. Nesta época o CEC já estava se tornando um clube de montanha e diminuindo a perfumaria. A turma era da pesada você pôde ver naquele churrasco dos 50 anos.

*CEC: Como você vê o montanhismo hoje?*

Ricardo: (...) Hoje os escaladores não querem apenas atingir as montanhas mais altas. Eles querem é subir o maior número de montanhas de 8.000 metros, querem fazer isto no inverno, direto do campo base até o cume, o mais rápido e sem oxigênio. Há um narcisismo, um exibicionismo muito grande, uma competição desenfreada para fazer tudo o mais difícil, o mais rápido, o 'mais tudo'. O montanhismo está perdendo um pouco de sua beleza. As mudanças foram tão grandes que os feitos de hoje foram sequer pensados dez anos atrás. Isto é perigoso porque os riscos são maiores e as mortes no Himalaia comprovam o que estou dizendo.

Eu continuo adorando as montanhas.

# C.E.C. É notícia

Ano 56 - Nº 6 - Outubro / 2002

## Ricardo Batalha Menescal O Carioca se despede de seu fundador



### Clube Excursionista Carioca

Fundado em 21 de fevereiro de 1946

Rua Hilário de Gouveia, 71 / 206

Copacabana - Rio de Janeiro

CEP: 22040-020 Tel: 255-1348

Internet: [www.carioca.org.br](http://www.carioca.org.br)

Reuniões sociais às quartas e sextas a partir de 20:30hs

### C.E.C. É notícia

Uma publicação do Clube Excursionista Carioca

Editor: Cláudio Martins

Editorial: Teresa Lindoso

Colaboradores:

Miguel Freitas

Waldecy Mathias

Capa: Ivayr Borges/Alto Nível

## ► Editorial

Essa é uma edição especial do informativo. Na verdade, uma singela homenagem para um homem de grandes realizações .

É difícil lidar com a perda de alguém querido, é quase impossível entender o que é a vida e o porquê da morte. Para alguns foi a passagem para uma nova existência, para outros foi o fechamento de um ciclo. Mas o que isso importa? O que vale é que existe um lugar onde com certeza encontraremos Ricardo Batalha Menescal: na memória de todos os que o conheceram. E os que não conheceram também o terão na memória pois muitas histórias irão escutar.

Como muitos sócios recentes conheciam apenas o Ricardo das conquistas e churrascos de fim de ano, a idéia inicial era fazer um informativo com as realizações dele (que não foram poucas). No entanto, vários companheiros de clube nos procuraram com desejo de escrever sobre o Ricardo, ou apenas relatar fatos interessantes. Este informativo é portanto uma coleção de textos e fotos dedicados ao nosso amigo, conquistador, contador de histórias, aventureiro e fundador do CEC, Ricardo Menescal.



Foto: 6ª excursão do CEC. Pedra Bonita. 19/06/1946

mudado para a galeria Menescal, onde meu tio tinha sido incorporador e meu pai engenheiro de obras. A maioria das lojas da galeria estava fechada devido a um impasse entre o Instituto dos Marítimos e a construtora. Meu tio, então, permitiu que eu usasse uma das lojas como sede do Carioca durante uns 2 anos. Começa o auge do clube. Como éramos mais ‘abusados’ escrevemos para o Clube Alpino Francês e outros para estreitarmos contatos. No 2º ano da faculdade organizei uma excursão ao Chile. Por sorte o trem que fazia a travessia dos Andes ficou bloqueado em Mendoza. Então contatamos o clube andinista local que nos recebeu de madrugada, debaixo de um frio danado. Estavam lá o seu presidente e a secretária. Ficamos 2 dias em Mendoza e fizemos boa camaradagem com os argentinos. Eles nos convidaram para subir o Aconcágua. Seis meses depois, já no verão, estávamos partindo para subi-lo, eu, o Orlando Lacorte e o Antônio Marcos. Não tínhamos equipamento de neve e não conhecíamos gelo. Tínhamos algumas noções através de literatura. Na verdade não tínhamos nenhuma prática de alta montanha. Fomos com a cara e a coragem. O jornal O Globo conseguiu as passagens com a Panair do Brasil. Foi a única ajuda, o restante saiu de nossos bolsos. O Globo deu uma grande cobertura, porque, afinal, era uma grande sensação na época: “Brasileiros vão escalar no Aconcágua”. Somente o Lacorte e eu alcançamos o cume. O Marcos, que era o mais forte, teve problemas com a altitude. Depois de 4.000 metros teve hemorragia nasal, enjôo e cansaço. É aquela coisa que surpreende qualquer alpinista: a reação à altitude. Atingimos o cume na 2ª tentativa. Nesta mesma viagem fizemos camaradagem com Leonel Terray e Francisco Ibanez, que

mais tarde seria o chefe da primeira expedição Argentina ao Himalaia.

Estes contatos foram fantásticos porque através de Terray, o Orlando pôde fazer a Escola de Aspirante a Guia de Chamonix. Ele também conseguiu, por meio de seus pais, uma bolsa de 3 meses do Ministério de Educação, que cuidava dos esportes. Isto foi uma revolução para o Carioca. O Orlando voltou trazendo novos equipamentos e principalmente novas técnicas de escalada. Nós usávamos ainda a bota cardada e as alpargatas de sisal. Com isso demos um grande passo para o desenvolvimento do montanhismo brasileiro. Passamos à frente dos outros clubes que não tinham contato como exterior. O Brasil era um país completamente fechado. O Carioca pode se orgulhar de ter aberto um outro horizonte para o excursionismo.

Começamos a receber alpinistas de fora. Em 1956 recebemos a expedição francesa que veio tentar a face Sul do Aconcágua. Era uma camaradagem que nos rendia muitos frutos. Quando alguém do Carioca ia à Europa ou aos Andes era sempre bem recebido. Este intercâmbio era bom para nós porque recebíamos muita informação. Isto ‘deslanchou’ o Carioca. Neste meio tempo saímos da loja e com a autorização do síndico da galeria passamos a nos reunir na garagem. A reunião do clube virou moda, tornou um *point*. *La jeneusse doré* carioca reunia-se no CEC. As reuniões sempre terminavam em chope ou sorvete na praça Serzedelo Correia.

O Carioca nesta época era um modismo, muito misturado de perfumarias e montanhistas. Por quê? Porque não havia quem organizasse excursões. Hoje não faz sentido você reunir um grupo para um piquenique na Barra da Tijuca. Você pode en-

ca e sua trajetória de múltiplas atividades.

*CEC: Como e quando você se tornou montanhista?*

Ricardo: Eu tinha cerca de 12 anos e havia voltado do Nordeste com meu irmão mais velho e uns primos, os Fabrícios – que mais tarde se tornaram também sócios fundadores do Carioca -, quando fui fazer a caminhada na Dona Castorina com um casal de tios – ele morreu bem velhinho há poucos anos. Fizemos a Vista Chinesa e a Mesa do Imperador, depois este tio nos levou à Floresta da Tijuca. Isto aumentou em nós a vontade de caminhar cada vez mais. Resolvemos eu, meu irmão e uns amigos – nesta época morávamos na Gávea -, subir até o Corcovado pela trilha da Lopes Quintas, que termina nas Paineras. Era um negócio de garotos ‘meio irresponsáveis’. Anoiteceu e ficamos perdidos na mata. Não voltamos para casa. Foi um transtorno. Bom, no dia seguinte chegamos em casa. Nossos pais tiveram o bom senso de esperar. Mas a noite foi dura, choveu, foi um castigo para aprendermos. Isto acontece a toda hora na Floresta de Tijuca. Um pouco depois fomos à Pedra da Gávea. Estávamos nessa direção: montanha, acampamentos, natureza.

Quando eu tinha 15 anos, vi na cidade uma exposição fotográfica do CERJ, na Biblioteca Nacional, que achei espetacular. Deu-me uma vontade de ‘fazer um clube’. Eu tinha uma ‘corriola’ que já fazia montanha e pensei então em fundar esse clube. Fundamos o CEC. A 1ª sede foi a garagem da minha casa no Jardim Botânico; 3 meses depois passou para a casa da Marianina Cariello, uma amiga nossa, cuja garagem seu pai quase não usava, e ficava perto Parque Lage. O Carioca lá ficou por

um ano e meio. Havia mais ou menos 15 sócios. Para incluir o clube na União Brasileira de Excursionismo – UEB, (instituição que congregava os clubes naquele tempo) era preciso ter um sócio maior de idade que se responsabilizasse por ele, que assumisse sua presidência. Registrar o clube também na Delegacia de Costumes e Diversões Públicas era obrigatório – estávamos no Estado Novo. Nenhum sócio do Carioca tinha mais de 18 anos! Então eu soube que havia no Jardim Botânico um advogado novo, Hélio Siqueira de Abrantes, que era um sujeito legal. Fui à sua casa, à noite, toquei a campainha e contei-lhe a história. Ele topou na hora ser o nosso presidente e passou a frequentar algumas de nossas reuniões para assinar as atas. Assim registramos o CEC e entramos para a UEB. Intensificamos nossas atividades. No início o CEB nos ajudou bastante. Eu me lembro que para nossa primeira excursão ao Pão de Açúcar ele nos indicou o guia. O CERJ também colaborou nos ‘emprestando’ o Hamilcar Reigas, que mais tarde acabou se bandeando para o Carioca. Em resumo, no começo de nossas atividades contávamos com os guias formados por outros clubes. O nosso primeiro Dedo de Deus foi guiado pelo Reigas. Quando eu entrei para a faculdade, três anos após a fundação do CEC, comecei um movimento para aumentar o número de sócios. Meu curso de arquitetura funcionava no mesmo prédio da faculdade de Belas Artes, onde a maioria era de mulheres. No meu curso quase todos eram homens. Convidei as moças para ingressar no Carioca. Era um ambiente formidável para o crescimento do clube. O CEC tornou-se uma extensão da Arquitetura e Belas Artes. A partir daí cresceu muito o número de sócios. A essa altura eu havia

## ► Ricardo Menescal Por Cionyra Hollup

Ricardo Batalha Menescal. Apenas mais um nome entre tantos neste mundo? Não, de jeito nenhum! Mais do que um simples nome: uma personalidade forte, que deixou marcas profundas em todos nós.

Nascido em Vitória, no Espírito Santo, passou seus primeiros anos de vida em Macau, no Rio Grande do Norte. Em 1941 mudou-se para o Rio de Janeiro com os pais e seus quatro irmãos.

Garoto ainda, aluno do Colégio Santo Inácio, mostrou logo seu espírito aventureiro e líder nato, enfiando-se nas matas do Corcovado com alguns amigos para tentar alguma “escalada”. Pederam-se, mas conseguiram, afinal, sair bem daquela aventura. Entusiasmado, fundou o Clube Excursionista Carioca, no qual passaria a maior parte de sua vida, dedicando o melhor dos seus esforços para fazer do Clube que amava um expoente no esporte que abraçara: o montanhismo.

Falar de sua carreira fora do montanhismo é falar de suas conquistas e de seu espírito empreendedor. Foi presidente do diretório acadêmico da Faculdade de Arquitetura onde se formou e de onde se tornou professor. Montou um escritório de arquitetura com o irmão, Renato, de onde saíram projetos que levavam bem a sua marca, como o Costa Brava, o Costa Azul em Cabo Frio, o Condomínio da Joatinga, o Planetário da



*2ª excursão do Carioca  
Pico Dona Marta - 3/4/1946*

Gávea e a sede do Clube de Regatas do Flamengo.

Uma de suas realizações pioneiras no Brasil foi o Camping Clube do Brasil. Viajando pela Europa conheceu o campismo e entusiasmado resolveu implantá-lo no Brasil. O resultado foi um sucesso total, e as centenas de campings que hoje se espalham pelo país estão aí para prová-lo.

Mas seu espírito de aventura não o deixava descansar. Descobrimo, na Europa, empresas que organizavam “trekkings”, juntou-se a elas em várias excursões: mochila às costas, sofrendo o desconforto de dormir em barracas, muitas vezes a mais de 5.000 metros de altura, com alimentação precária, em jornada difíceis e árduas, andando a pé, de

jeep ou de camelo, por horas a fio, por lugares selvagens, sem saneamento básico nenhum.

Ainda assim vibrava com as aventuras em que se metia no Butão, fazendo excursões, escaladas e trekkings nos Alpes, no Nepal e no Tibet. Durante um trekking que fizemos com ele nestes dois últimos países, fui testemunha admirada da capacidade que ele demonstrava de sofrer, sem reclamar, jornadas que teriam deixado arrasadas outras pessoas que não possuísem sua força de vontade, sua determinação. Na verdade, ele adorava o que fazia, adorava a aventura.

A última vez em que conversamos ele me disse que achava que já era hora de parar, ou pelo menos diminuir o ritmo. Afinal, já estava com 70 anos. “De agora em diante, só “trekkings” de carro, de trenó...” E não é que ele foi ao Alasca fazer um trekking de trenó? Assim era o Ricardo.

No Clube Excursionista Carioca, que fundara e do qual muito se orgulhava, participou de várias conquistas. (N.E.: ver quadro a seguir)

Junto com Orlando Lacorte escalou o Aconcágua, façanha que completará em breve 50 anos e para a qual o Clube Excursionista Carioca estava preparando uma grande homenagem aos dois alpinistas. A morte, infelizmente, nos privou desta alegria.

Muito devemos a Ricardo. Seu amor à natureza, às montanhas, sua preocupação em manter as trilhas limpas nas matas por onde passávamos e em agradecer a

natureza o mínimo possível, tudo isso deixou em nós marcas profundas, dando orientação e significado às nossas vidas. Não se pode negar que foi um líder e um homem de ação.

Sua vida não foi vazia, não foi em vão. Viveu intensamente cada dia, aproveitando cada minuto que Deus lhe concedeu. Teve três filhos maravilhosos, que mais que filhos foram seus amigos; Marcos, Fernando e Cristina, esta sua companhia de viagens e aventuras.

E no final o destino presenteou Ricardo com uma morte belíssima: no paraíso de Fernando de Noronha, de bruços, admirando peixinhos coloridos, um enfarte tirou-lhe a vida. Quer morte mais bonita do que essa? Fazendo o que mais gostava, esporte, lá se foi Ricardo para a companhia daqueles nossos amigos que também já nos deixaram.

Nossas sinceras homenagens, de todos os amigos e do clube que ele tanto amou, o Clube Excursionista Carioca.

Descanse em paz, Ricardo. Um dia destes, quem sabe, todos nós nos encontraremos e bateremos o maior papo sobre as aventuras que aqui vivemos. Até lá.

Cionyra Ceres de Araújo Hollup

## ► Entrevista com Ricardo Menescal - boletim nº 51 maio/97 por Ivan Calou

Foto: Patrick White, Laércio Martins, Ricardo Menescal e Tadeusz Hollup.

*Esta foto foi tirada numa das investidas da conquista da Chaminé Galotti. Durante esta conquista foi encontrada um cadáver mumificado, aparentemente preso pelo pescoço após uma queda. Este fato foi amplamente noticiado pelos jornais da época, que a chamaram de “múmia do Pão de Açúcar”.*



Ele é considerado por um companheiro de clube como uma espécie de Midas, um ‘menino de ouro’, que consegue sucesso em tudo que faz. Primeiro brasileiro, juntamente com Orlando Lacorte, a subir o Aconcágua, Ricardo tem um currículo

invejável como montanhista, arquiteto e empresário. Ele levou o Carioca a desbravar as grandes montanhas do Espírito Santo e deu-lhe uma nova dimensão ao promover o intercâmbio com os franceses, os argentinos e os chilenos. Fundou o Camping Clube do Brasil, que abriu o caminho para o desenvolvimento do que nos anos 1980 viria a ser chamado de turismo ecológico; é autor de vários projetos estratégicos para a Marinha e atualmente luta para manter a Serrinha da Alambari como uma área de proteção ambiental modelo. A despeito de sua atividade como empresário e arquiteto, ele jamais abandonou a montanha. Prova disto, é que três meses após ter implantado uma safena, já estava caminhando nas altas montanhas do Tibet.

Às vésperas de ver terminado seu último projeto – o novo planetário do Rio – Ricardo nos fala sobre os primeiros tempos do Cario-

amigos mais amigos, as aventuras inesquecíveis, os momentos mais fortes de solidariedade e partilha, as paisagens mais remotas e os meus sonhos. Como tantos amigos, foi no Carioca que conheci a mulher com quem casei e tive as filhas que tive. Poderia ter sido diferente? Sim, é claro. Não fosse aquela tua aventura começada num longínquo verão de 46 eu talvez tivesse continuado no CEB, conhecido outras pessoas e vivido outra vida. Mas a realidade que vivi foi boa, muito boa. Não creio que pudesse ter sido melhor. E é por estas tão belas lembranças e emoções que eu te escrevo. Porque sei que, como eu, muitos devem seus encontros e sua felicidade ao que você fez. Escrevo para te dizer tão simplesmente: – muito obrigado Ricardo, foi bonito, muito bonito, o que você fez!

Você, que sempre foi um incansável montanhista, um aventureiro no melhor dos sentidos que esta palavra pode ter, que procurou cumes, vales perdidos e mares distantes agora pode descansar. Nossos olhos continuarão procurando as belezas remotas, as verticais vertiginosas ou mares perdidos. “Terra conhecida, terra amada”, escreveram aqueles jovens em 46. Continuaremos vivendo aventuras, conhecendo a beleza deste planeta, amando e sendo felizes.

Receba meu abraço de todo o coração.

Teu sempre amigo.

Jean Pierre



*Foto (da esquerda pra direita): Salomyth Smith, Jaime Viñas e Ricardo Menescal (foto de Hudson Machado).*

*Salomyth, grande montanhista que havia saído do CEB, foi convidado por Ricardo para visitar o Carioca. Salomyth conta que quando apareceu na reunião do CEC, na hora de ser apresentado, Ricardo disse: “Arrumei o homem que irá nos levar à Agulha do Diabo”. E assim foi.*

*Em Julho de 1951 eles fizeram o cume da Agulha, como pode ser visto na foto acima. Simultaneamente a esta excursão o CEC esteve presente em outras montanhas do Parque: Garrafão, Nariz do Frade e Pedra do Sino. Esta foi também a primeira vez que a escalada da Agulha do Diabo foi filmada e passada na televisão.*

*Dois convidados do Clube Andino do Chile tiveram a oportunidade de se emocionar com a confraternização do Carioca. Uma legítima “invasão”.*



*Foto: Ricardo no acampamento base do Aconcágua. Ele e Orlando Lacorte foram os primeiros brasileiros a chegar no cume da montanha, no ano de 1953.*



*Foto: 3ª excursão do Carioca. 1946*

## ► Uma vida de conquistas pelo Carioca

### 1948 Carioca (pr) - Cabritos

Francisco Menescal, Hudson Machado, Jarci Machado, Luís e Ricardo Menescal

### 1949 Pico do Frade de Macaé - RJ

Hamilckar Reigas, Lauro Ferreira e Ricardo Menescal

### 1950 Neblina (travessia) - PNSO

Epaminondas Leontsinis, Ricardo e Francisco Menescal

### 1950 Roy-Roy (pr) - PNSO

Epaminondas Leontsinis, Ricardo e Francisco Menescal

### 1950 Pedra do Peito de Pombo - Macaé - RJ

Flávio Rodrigues, Hudson Machado, Lauro Ferreira e Ricardo Menescal

### 1951 Vitória (pr) - Morro de Penedo - ES

Ricardo Menescal, Lauro Ferreira, Antonio de Oliveira, Jaime Menezes, Francisco Fabrício, Jaime VüSas e Orlando Lacorte

### 1952 La Torre (pr) - Roboré - Bolívia

Ricardo Menescal, Orlando Lacorte e Marcelo Fragelli

### 1954 - Galloti (ch) - Pão de Açúcar

Antonio de Oliveira, Laércio Martins, Patrick White, Ricardo Menescal e Tadeusz Hollup

**1954 - Pedra Bicuda - Macaé**

Hudson Machado, Laércio Martins,  
Lauro Ferreira e Ricardo Menescal

**1956 - Pico da Bicuda Grande - Macaé**

Ricardo Menescal, Laércio Martins,  
Hudson Machado, e Lauro Ferreira

**1957 - Cabeça do Índio (vr) - Corcovado**

Carlos Ribeiro, Drahomir Vrbas,  
Hamilton Maciel e Ricardo Menescal

**1957 - Ricardo Gonçalves (pt) - PNI**

Drahomir Vrbas, Hamilton Maciel, Luís  
Fabrício e Ricardo Menescal

**1958 - Travessia Longitudinal das Agulhas Negras - PNI**

Drahomir Vrbas, Hamilton Maciel,  
Orlando Lacorte, René de Milleville,  
Ricardo Menescal e Leonel Terray

**1958 - Três Pontões de Afonso Cláudio - Cachoeiro de Itapemirim - ES**

Drahomir Vrbas, Hamilton Maciel,  
Ricardo Menescal e Patrick White

**1960 - Cinco Pontões -Laranja da Terra - ES**

Drahomir Vrbas, Gilberto Pimentel,  
Marcio Tomasini, Mauro Vilela e  
Ricardo Menescal



*Foto (da esquerda para a direita): Drahomir Vrbas, Hamilton Maciel, Ricardo Menescal e Patrick White em 1958 - Três Pontões de Afonso Cláudio*  
*Ricardo Menescal fez, nas décadas de 50 e 60, várias incursões no Espírito Santo. Estes escaladores do Clube Excursionista Carioca antecederam a turma de Jean Pierre nos anos 70 que realizaram conquistas memoráveis.*

*Além das conquistas, Ricardo teve importante papel na evolução técnica do montanhismo. Em 1953 ele presidiu a reunião da UBE (União Brasileira de*

*Excursionistas) que aprovou uma nova padronização de graduação (embrião da atual).*

*Ricardo estreitou os laços com clubes de montanha de outros países, como Argentina, Chile e Europa. Era amigo de Leonel Terray, um dos maiores montanhistas de todos os tempos, para dar palestras e trazer novas técnicas para o Carioca.*

**► Carta ao amigo**

Caro Ricardo

Escrevo hoje para você, que continua vivo no coração dos seus amigos. É por estes tantos olhos que te choraram que você irá ler esta minha mensagem e os sentimentos que, tardiamente, só se tornam palavras depois da partida, depois da hora. Não posso me incluir entre os seus próximos, encontramos-nos algumas vezes em ocasiões especiais. A última delas terá sido já há anos em minha casa, quando reunimos três gerações de montanhistas comemorando as conquistas em Afonso Cláudio. No entanto, devo-te muito, muito mesmo. Você foi um empreendedor, um realizador na vida, um arquiteto e esportista de sucesso. Mas foi talvez a tua primeira realização a mais importante para mim e muitos de nós.

Eu não era ainda nascido quando, num tempo de carnaval de 1946, muito jovem ainda, reunindo um grupo de amigos e primos, você fundou o Carioca. Uma aventura que saiu das idéias para chegar a reunir mais de cem pessoas na velha garagem da Galeria Menescal. Uma aventura de montanhas que, quase vinte anos depois, eu vinha encontrar já morando na sede nova, na Hilário de Gouveia. Curioso pensar que nossa vida depende muitas vezes de gestos e decisões tão remotas mas tão importantes. No Carioca conheci os